

IMPrensa, LEITORES E LEITURAS NO SÉCULO XVI: POSSIBILIDADES DE RECEPÇÃO

Alexandre Belmonte¹

RESUMO: O advento da imprensa mecânica em meados do século XV foi responsável por uma verdadeira revolução cultural, que ocasionou no século seguinte uma crescente popularização do livro impresso em muitos países europeus. Nesse processo, transformou-se a relação dos homens com o texto escrito, com a figura do auctor e outros processos cognitivos passaram a vigorar. O artigo aborda elementos de bibliologia e possibilidades de recepção de obras históricas e literárias no contexto do Renascimento na França, dando particular atenção ao relato de viagem de Jean de Léry, intitulado "Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil", cuja primeira edição data de 1578.

Palavras-chave: história do livro; Jean de Léry; Renascimento.

Press, readers and readings in the 16th century: possibilities of reception

ABSTRACT: The advent of the mechanical press in the mid-fifteenth century was responsible for a cultural revolution, which resulted in an increasing popularization of printed book in many European countries. In this process, people's relationship with written text has changed, with the emergence of the figure of the *auctor*, and other cognitive processes becoming effective. The article discusses elements of bibliology and reception possibilities of historical and literary works in the context of the Renaissance in France, with particular attention to the travel relation of Jean de Léry, entitled "Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil" whose first edition dates of 1578.

Keywords: History of the Book; Jean de Léry; Renaissance.

É comum a referência às consequências do advento da imprensa mecânica em meados do século XV como uma verdadeira revolução cultural, que ocasionaria

¹ Professor Visitante na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Doutor em História.

no século seguinte uma crescente popularização do livro impresso em muitos países europeus, transformando a relação dos homens com o texto escrito, com a figura do *auctor* e estimulando outros processos cognitivos, mediados pela palavra escrita. Em 1470, é impresso o primeiro livro na França, vinte anos após Gutenberg ter dado a Bíblia à estampa na Alemanha: trata-se de uma edição das *Epistolarum liber* de Gasparino de Bérghamo, um tratado da arte epistolar, iniciativa de dois professores que tiveram a ideia de possibilitar aos alunos textos corretos e relativamente baratos. Às cartas de Gasparino de Bérghamo, segue-se a publicação de tratados de ortografia e retórica latinas, e de clássicos gregos e romanos, em especial Cícero. É ainda um trabalho bastante rudimentar, com tiragens pequenas (cerca de 200 exemplares).

Alguns anos depois, outras oficinas são abertas em Paris e por toda a França, e começa um trabalho vigoroso, em território francês, de publicação de obras clássicas latinas e gregas, romances de cavalaria, teatro, obras técnicas (dicionários, gramáticas, tratados de medicina etc.). Até 1500, estimam-se em 4.000 as edições francesas, testemunhas tanto de uma alfabetização crescente, ainda que bastante restrita a certos setores da população, como também do uso do francês como língua escrita, em detrimento do latim.

Roudaut, ao estudar essa dita revolução cultural, sustenta que a imprensa somente proporcionou o estímulo material que até então impedia o desenvolvimento rápido de um processo de trocas culturais que já vinha sendo estruturalmente posto em prática há muitos séculos². De fato, durante grande parte da Idade Média, o livro já se impunha como regulador de certa ideia de civilização. Muitas das atividades monasteriais, por exemplo, eram concentradas ao redor do livro: além do trabalho do copista, havia o trabalho de preparar o couro do carneiro para a confecção do pergaminho. O pergaminho medieval era caro, e muitas vezes reaproveitado pela raspagem ou lavagem do couro (palimpsesto). Havia também a pintura do pergaminho, as iluminuras, a passagem de verniz, a costura e colagem etc. Além dos aspectos materiais, várias outras atividades concentravam-se ao redor do livro: alfabetização,

² François Roudaut. *Le livre au XVIe siècle: éléments de bibliologie matérielle et d'histoire*. Paris, H. Champion, 2003.

leitura, orações, prática de cantochões e hinários etc. A letra carolina já havia revolucionado a escrita, facilitando a leitura e a cópia³. O códice costurado substituía o antigo rolo de pele de carneiro, facilitando o manuseio, o transporte, e permitindo já na Idade Média a prática da leitura individual e pessoal.

Claro que a imprensa mecânica desmonta muito dessa organização ao redor do livro. É importante ressaltar, nesse sentido, alguns aspectos que diferenciam a relação das pessoas com o livro depois do advento da imprensa.

Em primeiro lugar, é ao longo de todo o século XVI que o livro adquire uma forma material bastante diferenciada do manuscrito. A variedade de formatos permite leituras diferenciadas e pessoais. Manuzio passa a publicar *in-octavo*, formato de livro portátil, permitindo mesmo uma ideia, até então impossível, de ~~bi~~ biblioteca sem muros+. O texto, como demonstrou Chartier⁴, ganhava mais objetividade: a página do título e do autor ganhava destaque, surgia a impressão de gravuras, retrato do autor, marcas de impressores e ilustrações

³ Sobre o impacto da letra carolina e sua relação com outros tipos de letras, consultar Giorgio Cencetti, *Lineamenti di storia della scrittura latina. Dalle lezioni di Paleografia* (editado por Gemma Guerrini Ferri). Bolonna, Patron, 1997; Bernard Bischoff. *Paleografia latina. Antichità e Medioevo*, (org. por Gilda P. Mantovani e Stefano Zamponi) Padova, Antenore, 1992; Armando Petrucci, *Breve storia della scrittura latina*, Roma, Jouvence, 1992; Leonard Boyle, *Paleografia latina medievale. Introduzione bibliografica*. Roma, Quasar, 1999.

⁴ Roger Chartier. *L'Ordre des livres: Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XIVe et XVIIIe siècle*. Aix-en-Provence, Alinéa, 1992.

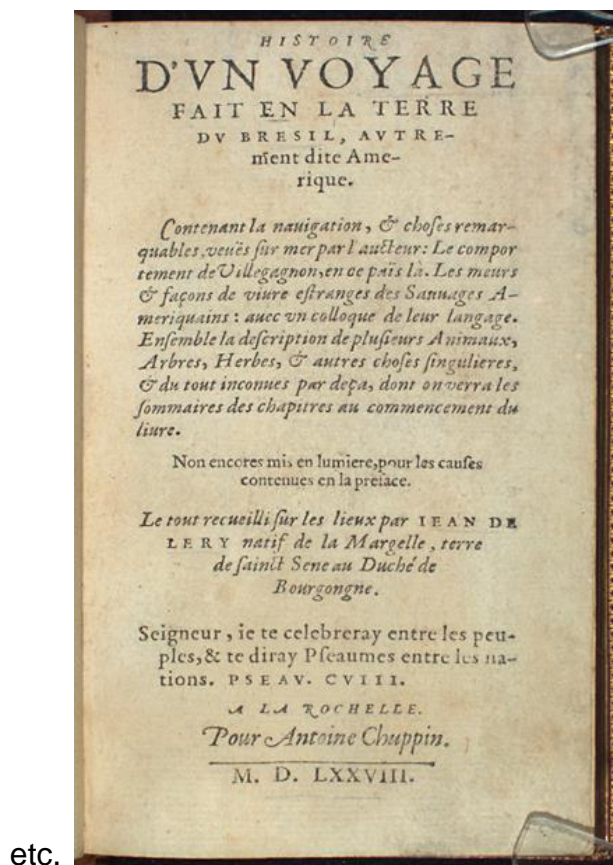


Fig. 1. . Fac-símile da 1ª. edição da *Histoire* de Léry. Fundação Biblioteca Nacional

François Roudaut também chama atenção para mudanças significativas nos aspectos materiais do livro. O alinhamento da impressão, a supressão dos longos comentários, a construção geométrica das letras no início do século XVI, o uso de citações . todo esse aperfeiçoamento visual certamente ocasionou maior legibilidade e praticidade na relação com o escrito. No lugar de longas glosas, surgem as citações, verdadeiros argumentos de autenticidade e persuasão, sobretudo em meios ainda pouco ou parcialmente letrados. Em Léry, as citações surgem como *manchettes* às margens do texto, assim como os destaques a algum assunto que ele ou seu editor queiram evidenciar.

Através da análise das páginas de títulos de obras quinhentistas, pode-se perceber que a função do autor já é determinante no início do século XVI. O autor era o que detinha autoria e *auctoritas* sobre o assunto. O título da obra é

apresentado em letras grandes, e o nome do autor vem destacado, geralmente em itálico ou em caixa alta. As ilustrações ao longo do texto fazem parte dos argumentos de persuasão e autoridade tão comuns durante todo o período quinhentista, são como provas da autópsia realizada pelo autor, conforme Hartog⁵.

A circulação dos livros é outro aspecto importante no estudo da recepção, não só dos relatos de viagens, mas de obras em geral, publicadas pelo século XVI europeu. Roudaut afirma que a imprensa transformou-se rapidamente em indústria, e as escolhas editoriais passaram a ser ditadas por imperativos econômicos. O temário das obras publicadas ao longo do século XVI é um ponto importante para se compreender a ideia de Renascimento. Através do retorno a autores gregos e latinos, certo cânone medieval vai sendo aos poucos soterrado e com ele desaparece todo um painel cultural que imperava nos mosteiros e cidades de grande parte da Europa. Novas ideias e discussões passam a vigorar, novos temas são discutidos e impressos em livros pequenos e acessíveis. Um tipo de pensamento, tipicamente medieval, vai sendo esquecido, deixa de circular pelas cidades.

O livro era emprestado, circulava, fazia parte de coleções pessoais, como a de Pontus de Tyard, estudada por Roudaut, ou a modesta coleção de livros do moleiro Menocchio, apresentada por Ginzburg⁶, para quem havia uma larga rede de circulação [de livros] que envolve não só padres (como seria previsível), mas até mesmo mulheres⁷. A leitura podia ser cada vez mais silenciosa, cada vez mais pessoal, ainda que as taxas de alfabetização fossem baixas⁸. Estima-se que, nas cidades francesas, cerca de 20% da população masculina era alfabetizada. Nos campos, a taxa descia para 3 ou 4%. Em

⁵ François Hartog. *Op. Cit.* pp. 271 e seguintes.

⁶ Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Cia. das Letras, 1987, 3ª. Edição de 2003.

⁷ Idem, *Ibidem*, p. 77.

⁸ Sobre a alfabetização no século XVI, consultar François Furet e Jacques Ozouf, *Lire et Écrire, l'alphabétisation des Français, de Calvin à Jules Ferry*, Les Éditions de Minuit, Paris, 1977 ; *Alphabétisation et définition du petit peuple à la fin du Moyen Age. Le cas des libraires parisiens* In P. Boglioni, R. Delort e C. Gauvard (org.), *Le petit peuple dans l'Occident médiéval. Terminologies, perceptions, réalités*. Paris, Publications de la Sorbonne, 2002, pp. 647-658 ; *De l'alphabétisation aux circuits du livre en Espagne (XVIe-XIXe s.)* ouvrage collectif, Paris, C.N.R.S., 1987 e Natalie Zemon Davis. *Imprimée et le Peuple* in *Les Cultures du Peuple. Rituels, Savoirs et Résistances au 16^e Siècle*. Paris, Aubier (col. Historique), 1979.

relação à alfabetização das mulheres, a escritora e poetisa francesa Louïze Labé dizia, em meados do século XVI, que *le temps [est] venue (...) que les severes loix des hommes n'empeschent plus les femmes de s'apliquer aux sciences et disciplines*⁹. A própria Labé é um exemplo de mulher culta no contexto do Renascimento: filha de um rico artesão, estuda latim, grego, italiano, música etc., e publica em 1555, após privilégio real. Outras *femmes de lettres* francesas, no contexto do Renascimento, são Marguerite de Navarre, Anne de Jurfé, Pernette du Guillet, Helisenne de Crenne e Marie de Gournay. Muitas escreviam diretamente para outras mulheres, como o tratado *Instruction des jeunes pucelles* de Gabrielle de Bourbon.

Roudaut estima em 200 milhões o número de exemplares de livros publicados ao longo do século XVI¹⁰. de 150 a 200 mil edições. , número surpreendente, dada a limitada capacidade de leitura. Em meios ainda bastante iletrados, a leitura em voz alta continuava a ser uma prática comum. Na verdade, muitas vezes procedia-se a tradução do texto em vernáculo para dialetos em uso pelas populações. Conforme alerta Zemon Davis, essas traduções muitas vezes eram acompanhadas de interpretações e comentários sobre as obras. É difícil, portanto, precisar o impacto do livro, e em especial da relação de viagem, em populações que liam e participavam da leitura de formas tão diversas. O impacto da leitura em voz alta em comunidades analfabetas é imprevisível, uma vez que a cultura popular se apropria de textos de formas não previstas na edição do impresso.

Em 1572, os impressores de Paris tentavam convencer o Parlamento de que deveriam ser mais bem tratados pelos patrões:

A imprensa é uma invenção tão admirável e sua dignidade tão excelente e honrosa, e para todos os franceses proveitosa: mesmo em Paris ou Lyon, uma

⁹ Apud Natalie Zemon Davis. *Imprimée et le Peuple* in *Les Cultures du Peuple. Rituels, Savoirs et Résistances au 16^e Siècle*. Paris, Aubier (col. Historique), 1979, p. 308. [Trad. nossa: *Chegou o tempo em que as severas leis dos homens não impedem mais que as mulheres se apliquem às ciências e disciplinas.*]

¹⁰ François Roudaut, *Op. Cit.*

cidade fornece livros em todas as línguas à toda a cristandade.¹¹.

Estes dados refletem alguns modos pelos quais a vida literária foi afetada, no decorrer do século XVI, pela popularização crescente da imprensa, que, segundo Zemon Davis, oferecia às pessoas a possibilidade de novas escolhas, ao passo que fornecia também novos meios de controlá-las.

O campo gozava de uma situação particular. Muitos dos que aprendiam a ler migravam para as cidades. Foi somente a partir de 1530 que o livro provavelmente passou a circular mais pelos campos, pelo menos na França, com a impressão da Bíblia em vernáculo. A primeira edição da Bíblia em francês data de 1530, da editora de Martin Lempereur, na Antuérpia. Nela não consta o nome de seu tradutor, Jacques Lefèvre d'Étaples, já que traduzir a Bíblia para línguas vernáculas era ainda uma atitude perigosa. Durante algum tempo, os doutores em teologia, sustentados pelo direito secular, defenderam seu monopólio de exegese bíblica, recusando aos ignorantes o direito de ler a Bíblia. De fato, os católicos somente podiam ter acesso ao evangelho através da tradução e interpretação do clérigo, durante as missas. O protestantismo, entretanto, foi uma das vias possíveis para a chegada das letras ao campo, e em língua vernácula, embora no século XVI sua influência não tenha provavelmente sido muito ampla.

Lutero defendia a necessidade de uma leitura individual da Bíblia, e é evidente que isso causou impacto nas taxas de alfabetização em toda a Europa protestante. Em Genebra, Calvino funda um Colégio e uma Academia, em 1559. O primeiro reitor da Academia será Théodore de Bèze, importante teólogo protestante, e a Reforma propaga, por toda a cidade, a instrução elementar. A circulação da Bíblia era, tanto para Lutero quanto para Calvino, instrumento indispensável para o contato direto entre homem e Deus. Não é à toa que, após o Concílio de Trento (1545-1563), uma das medidas da

¹¹ Natalie Zemon-Davis, *Op. Cit.*, p. 308. [Trad. Nossa do original: %a imprimerie est une invention si admirable et sa dignité si excellente et honorable, et par dessus tous autres François prouffitable: mesmement à Paris et Lyon, dont une ville fournit toute la Chrestienté de livres en toutes langues]

Contrarreforma foi a divulgação da música e das artes em geral (algumas, como a dança, repudiadas pelos protestantes). Através da música, pretendia-se promover uma exaltação da fé dos católicos, pela magnificência das notas e dos cânticos nas capelas e igrejas.

O editor calvinista Jean Crespin buscava louvar, assim como Léry, a escrita como um dom. Refugiado em Genebra, funda sua casa editorial em 1550. Sua *Histoire des Martyrs* foi reeditada algumas vezes ao longo do século XVI, trazendo sempre na página de rosto a marca de sua tipografia e dois versículos do Apocalipse. Pela natureza da obra . um compêndio de todos os mártires da religião reformada . não é de se esperar que Crespin a tivesse publicado em *octavo*. De fato, a 3ª edição, de 1597, é um volume grande (35 cm), dividido em 12 livros. Na apresentação da obra, há aspectos interessantes no que diz respeito aos usos do latim e do francês no século XVI. Após a folha de rosto, há uma dedicatória do autor, em francês, intitulada *À l'Eglise de nostre Seigneur*, à Igreja de Nosso Senhor. É uma mensagem aos calvinistas, e era natural que viesse escrita em francês. Na página seguinte, há outra dedicatória, desta vez escrita primeiramente em latim e em seguida traduzida para o francês: *Ad Ecclesiae Christi carnifices*, seguida da tradução *Aux persecuteurs de l'Eglise de Iesu Christ*, aos perseguidores da Igreja de Jesus Cristo. É uma clara mensagem ao clero católico, e também mais um indício do desuso do latim em detrimento do francês. O ódio ao clero católico é recorrente na obra: no primeiro livro, ele refere-se ao papa como *l'Antechrist de Rome*¹². A questão da tradução é também importante. Ao apresentar ao leitor a obra, Crespin o faz em latim com tradução paralela em francês, argumentando que

Porque muitos que não sabem a língua latina desejavam entender o sentido dos versos latinos escritos no começo desta história dos mártires, S.G.S. pôs-se a traduzi-los em francês: e tendo no-lo comunicado, quisemos levá-lo ao

¹² Jean Crespin. *Histoire des martyrs, persecutez et mis à mort pour la vérité de l'Evangile depuis le temps des Apostres iusques à l'an 1597*. Genebra, Jean Crespin, 1597, p. 21.

leitor, para que nada doravante lhes impeça de entender todo o conteúdo deste livro.¹³

Jean-François Gilmont buscou analisar tanto o impacto do livro na difusão da Reforma quanto o impacto da Reforma no desenvolvimento da imprensa europeia. De acordo com ele, a situação do livro acompanha o desenvolvimento da Reforma em países de mentalidades diversas. O estudo da recepção do livro e das práticas de leitura busca determinar de que formas o livro impresso pôde agir em uma sociedade majoritariamente analfabeta. Gilmont pesquisou qual era o público-alvo dos editores protestantes, assim como as respostas católicas aos escritos protestantes, testemunhas da influência cada vez mais crescente destes. A análise das práticas de leitura constitui o caminho mais fecundo, e também o mais difícil, para se mostrar que a influência do livro somente pôde se exercer através de leituras públicas e familiares em voz alta¹⁴. É assim que o século XVI apresenta uma nova relação entre o autor e um público anônimo.

O relato de Jean de Léry sobre o Brasil, como sabemos, teve sete edições em francês entre 1578 e 1677, além de algumas edições em latim. Se considerarmos a estimativa de Roudaut, de cerca de 1.000 exemplares por edição, teremos uma média de 7.000 exemplares da obra de Léry em francês, em circulação durante 100 anos. É um número significativo, tanto pela já comentada capacidade de leitura, bastante limitada na época, quanto pelo número de habitantes em Genebra e Paris. Estima-se que a Genebra de fins do século XVI, por exemplo, contava com uma população de apenas 13 ou 14 mil habitantes¹⁵. Certo que Paris era muito mais populosa, mas proporcionalmente contava com um número muito maior de analfabetos.

¹³ Idem, *Ibidem*. [Trad. Nossa do original: «Pour ce que plusieurs qui ne savent la langue Latine, ont désiré entendre le sens des vers Latins mis au commencement de ce recueil des Martyrs, S.G.S a esté esmeu de les traduire en vers François: et les nous ayant communiquez, nous en avons voulu faire part au Lecteur, afin que desormais rien ne les retarde de entendre tout le contenu de ce Livre»]

¹⁴ Jean-François Gilmont. *La Réforme et le livre: l'Europe de l'imprimé (1517-v. 1570)*. Paris, Les Editions du Cerf, 1990.

¹⁵ Louis Binz. *Brève histoire de Genève*. Genebra, Chancellerie d'Etat, 2000.

Na 2ª. edição da *Histoire* de Léry, o editor Antoine Chuppin dirige-se aos leitores, explicando o objetivo desta nova impressão da História da viagem: o autor a havia aumentado, corrigido, *enrichie de choses bien remarquables et dignes de memoire*¹⁶, adornado com figuras. Na 5ª edição da *Histoire*, Léry indica que a edição precedente, de 1599, fora muito bem recebida e encontrava-se esgotada, daí a necessidade de uma nova edição¹⁷. Novamente surge a recorrência às coisas *notáveis e dignas de memória*, e o recurso às ilustrações como provas da autopsia. Para Hartog, a animação das figuras é parte da retórica da alteridade que *faz* o destinatário crer que a tradução é fiel¹⁸.

Se, por um lado, a história da recepção dos relatos e narrativas de viagens no século XVI deixam ainda muitas lacunas, por outro lado, a iconografia referente ao Novo Mundo é, de fato, outra via para se acessar o impacto das culturas ameríndias nas culturas europeias. Através das imagens, o europeu representa não somente o outro, mas, fundamentalmente, a si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BINZ, Louis. *Brève histoire de Genève*. Genebra, Chancellerie d'Etat, 2000.
- CENCETTI, Giorgio. *Lineamenti di storia della scrittura latina. Dalle lezioni di Paleografia*. Bolonha, Patron, 1997.
- CHARTIER, Roger. *L'Ordre des livres: Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XVe et XVIIIe siècle*. Aix-en-Provence, Alinéa, 1992.
- CRESPIN, Jean. *Histoire des martyrs, persecutez et mis à mort pour la vérité de l'Evangile depuis le temps des Apostres iusques à l'an 1597*. Genebra, Jean Crespin, 1597.

¹⁶ Léry, *Op. Cit.* p. 46. [Trad. nossa: *enriquecida de coisas mui notáveis e dignas de memória*.]

¹⁷ *Le* imprimeur *me*yant fuit entendre que la 4^e. et dernière Edition de ceste Histoire de l'Amérique avoit esté si bien recevuë, que *me*yant plus d'exemplaires il decidoit la *re*imprimer: cela *me*yant occasioné de la revoir et corriger par tout où il failloit (õ) *me*yant. Jean de Léry. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, dit Amérique* 5a. edição, Genebra, Jean Vignon, 1611, *me*yant l'avertissement du lecteur *me*yant.

¹⁸ François Hartog. *Op. Cit.* p. 273.

GILMONT, Jean-François. *La Réforme et le livre: l'Europe de l'imprimé (1517-v. 1570)*. Paris, Les Editions du Cerf, 1990.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Cia. das Letras, 1987, 3ª. Edição de 2003.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto . Ensaio sobre a representação do Outro*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1999.

LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. (Édition commentée par F. Lestringant). Paris, Librairie générale française, 1994.

ROUDAUT, François. *Le livre au XVIe siècle: éléments de bibliologie matérielle et d'histoire*. Paris, H. Champion, 2003.

ZEMON-DAVIS, Natalie. *Imprimée et le Peuple* in *Les Cultures du Peuple. Rituels, Savoirs et Résistances au 16^e Siècle*. Paris, Aubier (col. Historique), 1979.

Recebido em 17 de outubro de 2013.

Aceito em 4 de março de 2014.